



Editorial

José Augusto Drummond
Marcel Bursztyn
Maria Beatriz Maury

Sustentabilidade em Debate lança o seu número 5 num momento bem particular: poucos dias após a realização da **Rio+20 - Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável**, realizada em meados de junho, no Rio de Janeiro. Passadas duas décadas desde a Rio-92, boa parte das questões que estavam na agenda daquele evento continua atual, sendo que alguns problemas se agravaram desde aquela época. Muita coisa, no entanto, mudou nesses vinte anos. De lá para cá, a população mundial cresceu algo em torno da soma dos habitantes atuais da China e do Brasil (1,45 bilhão). Os desmatamentos consumiram uma área que corresponde ao tamanho da Argentina, provocando perda de biodiversidade e contribuindo para perturbações no clima. Hoje, mais da metade da população do planeta vive em cidades, sendo que 800 milhões não dispõem de condições habitacionais mínimas. (GEO 5 - PNUMA¹)

Entre 1992 e 2012, a questão climática se agravou, tornando-se cada vez mais evidente, com algumas regiões do planeta padecendo com frequentes eventos extremos. O próprio conceito de desenvolvimento sustentável, que ainda era algo remoto e de pouca compreensão para a maioria das pessoas, adquiriu notoriedade e certa maturidade. Se, em 1992, era preciso explicar o que era sustentabilidade, hoje é preciso depurar as meras manifestações retóricas de adesão à idéia, separando os discursos das práticas responsáveis.

Quando acolheu a Rio-92, o Brasil era um país que há pouco saía de um longo período de ditadura militar. Problemas graves polarizavam os debates, deixando a questão ambiental em segundo plano. Uma economia estagnada, violência urbana galopante, desigualdades sociais e regionais desconcertantes e certo desleixo com o desmatamento na Amazônia colocavam o País numa situação pouco cômoda, naquele momento.

Agora, Brasil e o mundo estão mudados. O grupo Brics², formado pelos países chamados emergentes, assumiu uma visibilidade e um protagonismo internacional surpreendentes, se comparado àquela época. Com grande dinamismo econômico, esses países contrastam com as velhas nações que em 1992 se destacavam no panorama mundial, desde o período após a Segunda Guerra Mundial.

Em 1992, havia um clima de negociações em que tudo (ou quase) se creditava à má-conduta dos países ricos. Em pleno século XXI, com a ascensão industrial da China, a notável expansão do agronegócio brasileiro e com a realocação de empresas transnacionais, que se espalham por uma grande constelação de centros econômicos, o mundo está cada vez mais integrado. Persistem dife-

renças no desfrute dos benefícios do progresso, mas há uma maior e mais complexa territorialização da degradação da natureza.

Na Conferência de Estocolmo, em 1972, ainda se discutia a idéia de que a qualidade ambiental era problema de ordem interna dos países. Hoje, o desafio é fazer valer a inexorável constatação de que a Terra é uma nave que habitamos e cujas condições de existência interessam a todos. Problemas gerados em qualquer região do planeta atravessam fronteiras, tornando cada vez mais evidente que essas são questões a serem debatidas e resolvidas em âmbito mundial, pela sociedade e pelo seu conjunto de dirigentes.

Isso traz ao debate temas como a pegada ecológica deixada por cada país e indivíduo e o “vazamento” (*leakage*) de CO₂ inerente à realocação de atividades produtivas, sem as necessárias mudanças nos padrões de consumo.

Volta à baila também um tema recorrente que polarizou as discussões na Conferência Rio+10, realizada em Johannesburgo, em 2002: como esperar que o desenvolvimento seja sustentável, se ele não está baseado em justiça social e na redução da pobreza extrema? Outro tema surge na ordem do dia: como tratar de economia verde, de mudanças de paradigmas produtivos e energéticos, diante de uma crise econômica que castiga as nações mais ricas do Planeta? Sem dúvida, não seria numa reunião de dirigentes políticos, com duração de apenas alguns dias, que toda essa pauta de desafios seria resolvida. É sempre bom celebrar os avanços, mas é de fundamental importância registrar os retrocessos.

O documento final, intitulado **O Futuro que Nós Queremos**, foi rechaçado pelas organizações da sociedade civil e vaiado no momento de sua apresentação. O seu conteúdo resume-se em uma longa lista de promessas que propõe o avanço em direção a uma “economia verde”, freando a degradação ambiental, combatendo a pobreza e reduzindo desigualdades. No entanto, não foram definidas as fontes dos recursos nem os meios para se programar essa transformação, reproduzindo-se o mesmo problema da Rio 92: a falta de metas e compromissos dos dirigentes. Essa ausência provocou a exigência das ONGs de que fosse retirada do documento final a menção de que ele fora construído com o apoio da sociedade civil.

Os resultados da Rio+20 mostraram que a sociedade está pronta e disposta para efetuar as mudanças necessárias, mas estas novas perspectivas ainda esbarram diante de governantes resistentes e conservadores.

Ainda na anotação de perdas queremos registrar o falecimento de dois grandes expoentes do debate sobre sustentabilidade. Referimo-nos, primeiro, a **Elinor Ostrom**, primeira mulher a ganhar o Prêmio Nobel de Economia (2009). Professora da Universidade de Indiana desde 1965, Ostrom é autora de grande número de trabalhos em que demonstra como os recursos comuns – florestas, estoques pesqueiros, terras de pastagem – podem ser geridos com sucesso pelos seus próprios usuários, sem a necessidade da intervenção de governos ou empresas.

Armando Dias Mendes teve papel de destaque como Pró-Reitor da Universidade Federal do Pará e membro do Conselho Federal de Educação. A sua contribuição foi grande no âmbito da educação, da análise da Amazônia e do desenvolvimento regional sustentável. Dentre muitas qualidades, escrevia com verve poética e sempre mantinha o bom humor.

Sustentabilidade em Debate registra e agradece o apoio recebido pelo **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)**, por meio do *Edital Apoio à Publicação de Periódicos Brasileiros em Ciências Humanas*. Os recursos alocados para a SeD permitirão a renovação do projeto gráfico da revista e do site, além da introdução de melhorias nas etapas de comunicação, edição, revisão e diagramação.

Nesse número 5, *Sustentabilidade em Debate* consagra um novo espaço de destaque: a seção **Opinião**, cujo objetivo é oferecer reflexões e textos atuais de autores renomados.

Nesta seção os nossos leitores encontrarão dois depoimentos de grande relevância e atualidade, apresentados no evento **Pugwash Workshop: Science and Social Responsibility: Rising Problems, Wise Initiatives**, realizado na sede da UNESCO, em Paris, em março de 2012. As **Conferências Pugwash** existem desde 1957 e resultaram de um manifesto lançado por Albert Einstein e Bertrand Russell, como alerta contra os perigos representados pelas armas nucleares. Visam promover o debate sobre a paz no mundo. Nada mais essencial ao debate sobre a sustentabilidade...

O primeiro dos textos de **Opinião** é *Science, Ethics and Social Responsibility*, de Jennifer Allen Simons, presidente da **The Simons Foundation**, que discute como o papel da ciência e da tecnologia vem evoluindo e se os perigos associados a elas vêm superando os benefícios proporcionados.

O segundo texto desta nova seção é *Good prospects: Uncertainty and the responsible governance of Earth as a system*, de Arthur Petersen, cientista-chefe da **PBL Netherlands Environmental Assessment Agency** e Special Professor da **University Amsterdam**. **Petersen** propõe uma interpretação ampla sobre a ‘incerteza’ do futuro da terra, e de como é possível uma existência agradável e responsável para todos, mantendo tudo de bom que o nosso planeta tem a oferecer para o benefício da sociedade de hoje e das futuras gerações.

Publicamos também nesse número a seção **Artigos**, que contém o texto *The Jari Project Managed by The Orsa Group: Corporate Social Responsibility Applied to the Amazon Context*, de autoria de Anna Greissing. Resultado de uma recente tese de doutorado apresentada conjuntamente nas **Universidades de Paris 3** e de **Innsbruck**, o texto traz um olhar externo sobre um tema brasileiro de grande relevância: a aventura da exploração de recursos naturais no Amapá, na Amazônia brasileira, por meio do famoso Projeto Jari, que ressuscita no século XXI sob uma nova gestão.

Outro artigo que consta deste número é *Programas de pagamento por serviços (PSA) como instrumento de política para o desenvolvimento territorial sustentável*, de Jorge Amaral de Moraes. Faz uma breve revisão teórica sobre o PSA, mostra as principais características de alguns programas brasileiros de PSA e discute as perspectivas do projeto **Protetor das Águas**, que vem sendo executado no Município de Vera Cruz, no Rio Grande do Sul.

Ainda temos o artigo *Produção de cimento impactos à saúde e ao meio ambiente* de Maria Beatriz Maury e Raquel Naves Blumenschein que mostra o processo produtivo do cimento identificando seus impactos à saúde humana e no meio ambiente, tratando especificamente da Comunidade de Queima Lençol, Distrito Federal, localizada nas proximidades de uma fábrica de cimento.

Outro artigo presente nesse número é *O processo de comercialização do turismo de base comunitária no Brasil: desafios, potencialidades e perspectivas* de Ivan Bursztyrn e Roberto Bartholo que discute a questão de acesso ao mercado delineando diretrizes estratégicas para o processo de comercialização de iniciativas e roteiros de TBC.

Encerrando a seção dos artigos apresentamos o texto *Educação e desenvolvimento sustentável: a expansão do ensino superior na região metropolitana do Cariri* de Polliana Luna N. Barreto, Suely Salgueiro Chacon, Verônica Salgueiro do Nascimento que aborda a expansão da oferta de vagas na rede de ensino superior no Brasil, com foco para a região do Cariri, interior do Estado do Ceará, nordeste do Brasil.

Também faz parte do presente número, na seção **Debate**, um texto denominado *Vandana Shiva e o mundo atual* baseado numa entrevista com a importante ativista indiana, reúne os principais pontos apresentados por ela numa palestra pública dada na Bienal Nacional do Livro, realizada em Brasília, no mês de abril de 2012. A organização do texto foi feita pelo moderador da palestra, o jornalista **Jaime Sautchuk**.

A seção **Entrevista** traz o Professor **José Eli da Veiga**, feita pelo Prof. **Saulo Rodrigues Filho**, do CDS/UnB, reunindo questões fundamentais para se compreender os desafios da Rio+20, antecipando alguns dos problemas ocorridos nesse evento.

Completam o número 5 de *SeD* cinco **Resenhas**:

Bioetanol: mantendo a liderança, escrita por **Núbia Moura Ribeiro**, sobre o livro *Bioetanol de cana-de-açúcar: P&D para produtividade e sustentabilidade*, coordenado por *Luís Augusto Barbosa*.

A pegada humana: uma história ambiental escrita por **Rafael D'Almeida Martins**, sobre o livro *The Human Footprint: A Global Environmental History*, escrito por Anthony N. Penna.

Um valor incalculável, sobre o livro *O Valor das Florestas*, organizado por Marco Antonio Fujihara, Roberto Cavalcanti, Andre Guimarães e Rubens Garlipp, escrita por **Luciana de Oliveira Rosa Machado**.

A História da terra e do homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal, livro de Paulo Bertran, escrita por **Kelerson Semerene Costa**.

Um futuro para a Amazônia, de Bertha Becker e Claudio Stenner escrita por **Gloria Maria Vargas**.

Para encerrar, temos as seções **Leitura Recomendada** com o livro *Mundo sustentável 2 – novos rumos para um planeta em crise* de André Trigueiro e **Obras Recebidas** que reúne o conjunto de livros que recebemos de editoras nacionais.

Reiteramos o nosso convite à comunidade acadêmica para que submetam os seus trabalhos à nossa revista e se inscrevam como possíveis pareceristas dos textos que recebemos, enviando seus trabalhos para www.revista.sustentabilidade.debate. Solicitamos às editoras que tenham interesse em divulgar as suas obras sobre temas afins à *SeD* que nos enviem exemplares de obras pertinentes para Campus Universitário Darcy Ribeiro - Gleba A, Bloco C - Av. L3 Norte, Asa Norte - Brasília-DF, CEP: 70.904-970 (Junto ao Centro de Excelência em Turismo - CET) Telefones: 55(61) 3107-6000, 3107-6001, 3107-6002, Fax: 3107-5972

Desejamos a todos uma boa leitura!

Notas

¹ Disponível em http://www.unep.org/geo/pdfs/geo5/GEO5_report_full_en.pdf (acesso em 20/6/2012).

² Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul